



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

THAMIRES ALMADA DE FIGUEIREDO

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E CONTO POPULAR: UMA ANÁLISE LÉXICO-
SEMÂNTICA EM NARRATIVAS COLETADOS NA CIDADE DE BARRO - CE**

**Cajazeiras
2016**

THAMIRES ALMADA DE FIGUEIREDO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E CONTO POPULAR: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA EM NARRATIVAS COLETADOS NA CIDADE DE BARRO - CE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Nazareth de Lima Arrais

**Cajazeiras
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

F475v Figueiredo, Thamires Almada de
Variação linguística e conto popular: uma análise léxico-semântica em narrativas coletados na cidade de Barro – CE / Thamires Almada de Figueiredo. - Cajazeiras, 2016.
71f.: il.
Bibliografia.

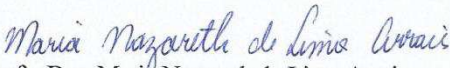
Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Monografia (Licenciatura em Letras) UFCG/CFP, 2016.

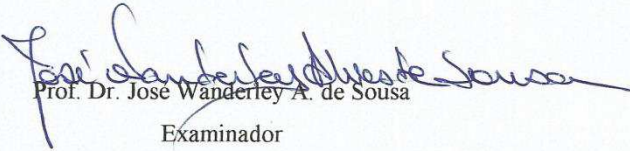
1. Sociolinguística. 2. Contos populares - Barro - CE. 3. Lexicologia. 4. Lexicografia. I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

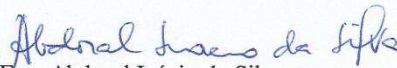
Título do Trabalho: **Varição Linguística e Conto Popular: uma análise léxico-semântica em narrativas coletados na cidade do Barro-CE.**

Aluna: **Thamires Almada de Figueiredo**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 24 / 09 / 2016 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Letras, com a Média Final 100 pela seguinte Banca:


Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais
Orientadora


Prof. Dr. José Wanderley A. de Sousa
Examinador


Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
Examinador

Cajazeiras – PB

2016

Dedico este trabalho às pessoas que me ajudaram contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional e que, para mim, são raios de luz: minha mãe, Maria Alves, meu pai, Francisco Fransuelo, meu irmão, Lucas Almada e meu companheiro fiel de todas as batalhas, Robernildo Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu porto seguro em todos os momentos da minha vida, concedendo-me sabedoria e fé para seguir nesta caminhada. Com Ele enfrento todos os obstáculos.

Ao meu pai, Francisco Fransuelo de Figueiredo, e à minha mãe, Maria Alves Almada, por serem exemplos de persistência, incentivo, humildade e por me ensinarem que uma batalha nunca está perdida quando se tem esperança e garra.

A meu esposo, por caminhar ao meu lado nos momentos difíceis, acreditando nos meus sonhos e encorajando-me a chegar até eles.

Ao meu irmão, pelo carinho e atenção e disponibilidade em me ajudar sempre.

Aos contadores das histórias que, com simplicidade, colaboraram para a realização e enriquecimento deste trabalho.

À professora orientadora, Maria Nazareth de Lima Arrais, pela disponibilidade, atenção e dedicação para a construção deste trabalho. Mais que uma orientadora, uma amiga a quem devo toda admiração e respeito pela excelente e competente profissional que é.

Às minhas amigas, em especial Vanessa Dantas, Iana Moreno e Fabrícia Alves, que contribuíram para meu sucesso, e sempre estão no palco da vida me aplaudindo de pé quando venço um obstáculo.

A todos os funcionários do CFP especialmente aos de Letras, que sempre estiveram disponíveis para me fornecer as informações solicitadas.

Reunir-se para contar histórias e fatos é viver momentos de alegria e de divertimento. Há um sentimento de valor e de importância do que vai ser dito.

Maria de Lourdes Patrini

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o léxico em contos populares coletados na cidade de Barro, no Ceará. Inicialmente coletamos os contos, depois selecionamos os que seriam o *corpus* de análise, em seguida descrevemos o léxico nos contos selecionados e elaboramos um glossário das lexias levantadas. Para apoiar a análise, buscamos fundamento na Sociolinguística Variacionista de Labov (2000), que centra o estudo em uma língua heterogênea, mostrando suas variações, e nas ciências do léxico, especificamente a Lexicografia e a Lexicologia de Biderman (2001). Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, cujas fontes consultadas foram, de um lado, livros, revistas e dicionários na intenção de estruturar o arcabouço teórico que fundamenta a análise e serve de base para a construção do glossário, bem como descreve o *corpus*, de outro lado. Buscamos, na memória dos contadores de Barro-CE, as histórias que onde filtramos o léxico e atribuímos uma semântica conforme o contexto. Os instrumentos de pesquisa foram fichamentos e resumos, além de conversas informais com os contadores para levantamento do *corpus*. O universo de pesquisa, levantado em 03 (três) encontros, se constitui de 09 contos, dentre os quais selecionamos 04 (quatro) de onde filtramos 49 itens lexicais que compõem glossário, e que foi organizado com termo de entrada em negrito e a letra inicial maiúscula, seguido da classe gramatical, em itálico, e nos casos que não foi possível identificar a classe gramatical específica, atribuímos locuções, ou seja, itens lexicais que mostram nossa cultura e nos confere uma identidade. Logo após, colocamos o termo entrada, em negrito e itálico, aplicada em uma oração que está contida no conto e os respectivos grafemas, indicando a qual conto a oração pertence, e por fim a análise dos termos nos dicionários.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Lexicologia. Lexicografia. Conto popular. Glossário.

ABSTRACT

The following paper aims to analyze the lexicon in popular tales collected on the city of Barro, in Ceará. Initially, we collected the tales, then we selected the *corpus* for analysis; after that, we described the lexicon on the selected tales and elaborated a glossary of the researched lexical units. To support the analysis, we used as basis the Variationist Sociolinguistics of Labov (2000), which centers the study in a heterogeneous language showing its variations, and also the sciences of the lexicon, specifically the Lexicography and Lexicology of Biderman (2001). This is a qualitative ethnographic research, and the consulted sources were books, magazines and dictionaries, aiming to structure the theoretical framework that bases the analysis and serves to build the glossary and describe the *corpus*; we also searched through the memories of Barro's storytellers the stories of which we filtered the lexicon and assigned semantics according to context. The research instruments were annotations and reports, together with informal conversations with the storytellers to research the *corpus*. The research universe, taking into account the 03 (three) meetings, is composed of 09 (nine) tales – of these, 04 (four) were selected and 49 (forty-nine) lexical items were extracted from them to compose a glossary. The glossary is organized by entry term, written in bold and capital letter, followed by the grammatical class in italics – in the cases where it wasn't possible to identify the class, a locution was assigned. These are lexical items that show our culture and give us an identity. Right after the entry term and grammatical class, we put the term (in bold and italics) applied in a sentence present in one of the tales as well as its respective graphemes, indicating to which tale the sentence belongs. Finally, we have the analysis of the terms on the dictionaries.

Keywords: Sociolinguistics. Lexicology. Lexicography. Tale. Glossary.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 O SOCIOLINGÜÍSTICA: UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO	15
1.1 Conceito e evolução.....	15
1.2 A variação linguística	17
2 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO	21
2.1 Lexicologia	21
2.2 Lexicografia.....	22
2.3 Dicionário, Vocabulário e Glossário	23
3 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	26
3.1 A Cidade: Barro-CE	26
3.2 O contador: dos livros à cidade de Barro-CE	28
3.3 O conto: do conceito às narrativas coletadas	32
3.4 Critérios De Organização Do Glossário	35
4 GLOSSÁRIO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS	63
Anexo A- A festa no céu.....	64
Anexo B- O leão e a formiga	66
Anexo C- A raposa e o canção.....	67
Anexo D - O corajoso	68
APÊNDICE	71
Apêndice A-TCLE.....	72

INTRODUÇÃO

O conto sempre esteve presente no nosso dia a dia. Nascemos e crescemos, ouvindo as histórias que nosso pai contava e conta ainda hoje. Homem simples e de pouco estudo, ele diz que é somente para entreter. Conta com maestria e quem está a sua volta cobre-se de um silêncio profundo na ânsia de não perder nenhum detalhe que vem dos lábios como canto para a alma. E aqueles trejeitos que realiza com o corpo adornam a história. Sempre estávamos a pedi-lo para contar mais uma. Não sabemos de onde ele retirava tantas histórias brilhantes. Mas, certamente, de sua experiência de vida e histórias ouvidas de outros contadores. Com ele aprendemos coisas que não têm em nenhum manual de Gramática ou Literatura, mas ele nos transmite com simplicidade nos tantos contos contados e ouvidos.

Foi com esse sentimento e motivada por uma necessidade pessoal em relação ao estudo do léxico do povo com quem convivemos, além da ideia de que o conto popular marca a vida de toda criança sertaneja, que empreendemos este estudo. Entendemos que a cultura local precisa ser explorada e, portanto, estudada, conseqüentemente valorizada.

O Brasil é repleto de diversas raças e etnias que se agrupam em torno de um aporte para se comunicar: a língua. Conseqüentemente, esta é marcada por inúmeras variações, uma vez que surge de acordo com o modo de falar de cada povo influenciado pela cultura, região e meio social. Observamos isto nos contos populares que adquirem a peculiaridade da fala, o ritmo, entonação e as variantes linguísticas de quem os conta.

Essas narrativas não apresentam autoria, mas têm na boca de quem conta o poder do encantamento e da sedução por transmitir valores e ensinamentos. O contador realiza uma atividade de rememoração intensa para conseguir transmitir as informações, o que influencia no desenrolar da história, podendo ocorrer um acréscimo ou uma diminuição dos elementos. E isso é o que o torna o conto atraente, pois nenhum conto é exatamente igual ao outro até porque são contados por seres humanos que usam uma língua mutável, viva e dinâmica, porque assim ele, como ser social inserido numa cultura, também o é.

Com base nessas reflexões, nos questionamos sobre o léxico dos contadores barrenses e passamos a investigar as características do léxico nos contos coletados na cidade de Barro, no Ceará, ou seja, nossa curiosidade girou em torno de como se mostra o léxico da referida comunidade. Além disso, queremos, com este estudo, incentivar os professores de Educação Básica a construírem outros glossários, mergulhando na semântica, bem como a usar ferramentas como o dicionário, por exemplo, o que impulsiona o aluno a enriquecer o próprio léxico.

Em sincronia com nossa curiosidade e intenção, elaboramos o seguinte objetivo geral: analisar o léxico em contos populares coletados na cidade de Barro, no Ceará. E para atingir este objetivo, traçamos as seguintes ações: coletar contos na comunidade de Barro, no Ceará; selecionar os contos para constituir o *corpus* de análise; descrever o léxico nos contos selecionados como *corpus*; elaborar um glossário das lexias levantadas como modelo de trabalho, no contexto da lexicologia e da lexicografia, aplicável à Educação básica conforme solicitam as orientações curriculares oficiais.

Para apoiar a análise, buscamos fundamento na Sociolinguística Variacionista de Labov (2008), que centra o estudo em uma língua heterogênea mostrando suas variações e nas ciências do léxico especificamente a Lexicografia e a Lexicologia com Biderman (2001).

O trabalho é desenvolvido a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que nos permitiu analisar um *corpus*. Entendemos que essa abordagem qualitativa se caracteriza por ser etnográfica, já que fomos a uma comunidade na intenção de registrar seu léxico com os significados, independentemente de estarem dicionarizados (GODOY, 1995).

Para alicerçar nossa pesquisa, as fontes consultadas foram, de um lado, livros, revistas e dicionários na intenção de estruturar o arcabouço teórico que fundamenta a análise e serve de base para a construção do glossário, bem como descrever o *corpus*, de outro lado, buscamos na memória dos contadores de Barro-CE as histórias que constam como universo e *corpus* da pesquisa.

Os instrumentos utilizados foram fichamentos para marcar as informações a serem utilizadas e os resumos onde as ideias fichadas foram sintetizadas. Além disso, podemos afirmar que as conversas informais assistemáticas com os contadores também constaram como instrumentos, uma vez que nos possibilitaram o levantamento do *corpus* da pesquisa.

Embora tenhamos entrado em contato com sujeitos sociais, entendemos que, ao contar ou se fazer enunciador de um conto popular, o contador não se apropria como autor do texto, mas como um enunciador que apenas repassou uma história que qualquer outra pessoa pode também se apropriar. O conto torna-se, portanto, patrimônio público, precisando apenas de uma autorização para informar o nome do contador, o que foi feito, constando em anexo o modelo do documento.

O universo de pesquisa se constitui de 09 (nove) contos, dentre os quais selecionamos 04 (quatro) para constituir o *corpus* de análise. A seleção desses contos se deu em razão de apresentarem mais variações linguísticas marcantes que nos demais. Os contos foram coletados em 03 (três) encontros, sendo gravados e logo depois transcritos, ocorrendo concomitante ao levantamento bibliográfico.

A fim de estruturar o texto escrito, o trabalho está dividido em quatro partes. A primeira, *O Sociolinguística: um olhar para a variação*, apresenta os subtítulos *Conceito e evolução* e *A variação Linguística*. Neste capítulo apresentamos o conceito de Sociolinguística como disciplina que estuda a língua e seus aspectos sociais, seguido do esboço da variação nos níveis lexical, fonética e sintático.

Na segunda parte, *As ciências do léxico*, são apresentados os conceitos de *Lexicologia* e *Lexicografia*, amparados especialmente por Biderman (2001), e o que cada ciência se propõe a estudar. Em um breve relato, exploramos as definições de *Dicionário*, *vocabulário* e *Glossário*, mostrando as diferenças e funções de cada um.

Na terceira parte, *Organização do corpus*, mostramos aspectos peculiares da cidade de Barro, no Estado do Ceará, como: cultura, costumes e tradições. Em seguida, pontuamos dois tópicos *O contador* e *O conto*, explorando aspectos fundamentais que caracterizam um e outro, bem como descrevendo o levantamento e seleção do *corpus* e apresentando seus respectivos enunciadorees.

À quarta parte, destinamos à elaboração de um glossário, composto por (cinquenta e nove) itens lexicais, extraídos dos contos selecionados. O glossário caracteriza-se por apresentar o termo de entrada em negrito e a letra inicial maiúscula, seguido da classe gramatical, em itálico, e nos casos que não foi possível identificar a classe gramatical específica, atribuímos locuções ou expressões que nessas estão contidas as classes gramaticais de cada termo, ou seja, itens lexicais que mostram nossa cultura e nos confere uma identidade. Logo após colocamos o termo entrada, em negrito e itálico, aplicada em uma oração que

está contida no conto e os respectivos grafemas, indicando a qual conto a oração pertence, seguido da análise dos termos nos dicionários. Esses critérios foram inspirados na organização do glossário da dissertação de Almeida (2009).

Além dessas partes, há ainda esta *Introdução* que apresenta tema, motivação para a pesquisa, objetivos, apontamentos metodológicos e estrutura do trabalho, e um texto final a que chamamos de *Considerações finais*, onde elencamos os resultados da pesquisa.

1 O SOCIOLINGÜÍSTICA: UM OLHAR PARA A VARIAÇÃO

1.1 Conceito e evolução

A Sociolinguística é alvo de estudos há muito tempo e carrega sua definição baseada na relação língua e sociedade. O termo Sociolinguística:

[...] Surgiu em um congresso, organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: Jonh Gumperz, Einar Haugem, William Labov, Dell Hymes, Jonh Fisher, José Pedro Roma (ALKMIN, 2006, p.28).

O pioneiro em tentar especificar o que a Sociolinguística estudava e englobava foi Bright que, de acordo com Monteiro (2000, p.25), traçou como objeto de estudo dessa ciência a variedade linguística. Entretanto, o conceito ainda não estava bem definido e foi alvo de dúvidas em relação ao que deveria ou não fazer parte do corpo da ciência.

Outro estudioso que também se dedicou a estudar essa ciência foi Wiliam Labov, que desenvolveu a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. Os estudos de Labov se deram a partir de uma pesquisa realizada em Martha's Vineyard, em 1961, em Massachussets a fim de estudar "A frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ nas diversas regiões, faixa etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha" (LABOV, 2008, p.19). Esse estudioso acabou por constatar a heterogeneidade e diversidade da língua.

Mais um tipo de Sociolinguística é desenvolvido. Trata-se da Interacionista ou Etnografia da comunicação que tem estudiosos importantes, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p.85), como Dell Hymes e Gumpers abordando a língua na perspectiva dos eventos da fala dos indivíduos e dos interlocutores, ou seja,

O assunto da conversa e outras circunstâncias do processo de comunicação, como espaço e tempo, e, sobretudo, as regras que dirigem modo como cada participante sustenta a interação verbal em curso (CAMACHO, 2006, p.50).

Significa dizer que essa ciência estuda de que maneira ocorre a comunicação analisando os gestos, o silêncio, as regras que fazem parte daquele discurso e como

essa fala é arquitetada, dependendo de inúmeros fatores, a proximidade com o interlocutor, a intimidade, assumindo vários papéis a depender do assunto e se o evento é formal ou informal.

A sociolinguística interacional, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014, p.147), não aceita a separação entre língua e contexto social e foca diretamente nas estratégias que compõem o uso do léxico da gramática, do sociolinguístico e de outros aspectos advindos de outros conhecimentos na produção de mensagens. E, se a conversa se dá normalmente com uma interação perfeita, podemos afirmar que a intencionalidade está sendo bem comunicada e normalmente interpretada.

Essa teoria afirma que a fala é regida por um conjunto de regras que não se dá no abstrato, aleatoriamente. Para Bortoni-Ricardo (2014),

[...] a sociolinguística interacional procura dar conta das normas que presidem ao processo interacional, demonstrando que qualquer conversa que ocorre efetivamente na interação humana não se constitui de frases desconexas – pelo contrário, obedece a princípios de coerência interna (p.148).

Nesse sentido, pontuamos que a fala é um contínuo, e este é regido por regras não importa se a linguagem tem caráter formal ou informal, e esta conversa acontece por meio da interação.

Outro tipo de Sociolinguística que merece destaque é a educacional, estudada por Bortoni-Ricardo (2014), que se preocupou com o desenvolvimento escolar de crianças de baixo poder aquisitivo que não conseguiam atingir um desempenho satisfatório. Bortoni-Ricardo (2014) aponta que essa Sociolinguística concerne no:

[...] esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivo. Para isto, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e a análise do discurso (BORTONI-RICARDO, 2014, p.158).

Trata-se, portanto, de uma área da sociolinguística que trabalha a educação, aliada a outras áreas por meio de pesquisas satisfatórias na intenção de contribuir para um adequado desenvolvimento da competência comunicativa das crianças do Brasil.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), no Brasil hoje é entendido de maneira errônea os textos da área da Sociolinguística. Alguns estudiosos e professores acham que os erros de português não devem ser corrigidos em virtude de ser uma variação ou diferenças. E por isto ela mostra princípios para a aplicação da Sociolinguística à educação.

Após expormos um pouco sobre a ciência Sociolinguística, abordaremos, no próximo tópico, sobre a variação linguística como preocupação da Sociolinguística variacionista ou quantitativa de Labov.

1.2 A variação linguística

Willian Labov (2008), dedicou-se a estudar o fenômeno da variação linguística na ilha do estado de Massachuset e afirma “[...]não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. As pressões sociais estão operando sobre a língua” (LABOV, 2008. p.21). E isso não quer dizer, que o sistema linguístico não é estruturado e regular, porque como foi constatado, a língua é heterogênea, dinâmica e possui inúmeras variações a depender do falante. É sinônimo de poder, *status*, profissão, geografia.

A língua apresenta inúmeras variações que são fundamentais. Monteiro, (2000, p.57) explica que “[...] seria a ausência de variação no sistema o que necessita ser explicitado”.

Por isso temos que entender que a língua é heterogênea, porque os sujeitos que a falam são seres completamente diferentes entre si, cada um possui uma identidade própria.

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedade, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas (BAGNO, 2007, p.36).

Sendo assim, percebemos que não podemos por limites na língua, padronizá-la como um objeto que está sujeito à regra para sua construção. E tudo que fugir daquela regra passa a ser considerado inadequado, recebendo um padrão não

aceitável pela comunidade. A variação não pode ser considerada um problema que precisa ser urgentemente solucionado pela sociedade, como frisa Bagno (2007, p.37), quando afirma que o verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem acabada e fixadas em bases sólidas.

Ao observar esses aspectos da língua, a Sociolinguística como disciplina, traçou instrumentos para comprovar essa tese, apresentando os seguintes aspectos de variação da língua: aspectos internos e externos.

Nos aspectos internos, podemos identificar: a variação lexical, variação fonológica, Variação morfofonológica, variação sintática e variação discursiva. A lexical caracteriza-se por apresentar diferentes formas de falar uma mesma palavra, a depender da área geográfica em que o indivíduo convive, a escolaridade, profissão, sexo. Temos como exemplo: macaxeira, mandioca, aipim (COELHO, et al 2015, p.24). Palavras que assumem diferentes formas, e esse é o fenômeno que este trabalho dedica-se a estudar especificamente. Já a variação fonológica, apresentam vários aspectos que podem ser observados, como a Despalatalização que se conceitua como sendo a perda da palatalização em que ocorre a troca do <lh> por <i> nas palavras: “paia (palha), mulher (muié), folha (foia)” (COELHO, et al 2015, p.25). Há também a Monotongaço que consiste na redução de um ditongo em uma vogal como nas palavras: “pouco (poco), roupa (ropa), cenoura (cenora)” (Coelho, et al 2015, p.26). Já no Rotacismo ocorre a troca da consoante (l) por (r) como nos exemplos, “planta (pranta), framengo (flamengo)” (COELHO, et al 2015, p. 26).

Todos esses fenômenos dar-se por uma explicação histórica que ocorre quando passamos do Latim para o Português como é o caso dos Metaplasmos que de acordo com Coutinho (2011 p.142), são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Como o referido autor cita os Metaplasmos e suas divisões. Os Metaplasmos por permuta “são os que consistem na substituição ou troca de um fonema por outro” (COUTINHO, 2011 p.142). Metaplasmo por aumento adicionando fonemas as palavras Ou ainda os metaplasmos por subtração, tirando ou diminuindo os fonemas das palavras.

Outro tipo de variação é a variação morfofonológica de acordo com Coelho et al (2015, p.29), é oferecida quando a variação ocorre a nível do fonema e do morfema concomitantemente, por exemplo: comprá (comprar), gastá (gastar).

Outra variação interna ocorre no nível sintático, a exemplo das construções relativas à posição do clítico, como apresentam Coelho et al (2015, p.29): “O filme a que me referi é muito bom” (COELHO et al 2015, p.29) está deixando de ser colocada no contexto diário e está sendo substituída por a relativa cortadora “O filme que me referi e muito bom”, (COELHO et al 2015, p.29) enquanto esta outra forma é usada por falantes que não frequentam a escola “O filme a que me referi a ele é muito bom” (COELHO et al 2015, p.29), e com isto sofrem preconceitos.

Outro fenômeno sintático é o uso da próclise e ênclise que Coelho et al (2015, p.29) mostram que através de vários estudos foi possível detectar que a próclise é usada com mais frequência no português oral que a ênclise, embora o senso comum veja esta como sendo a padrão.

Outro caso é o da variação discursiva, que são palavras que cumprem a função de articular o discurso produzido na interação verbal de acordo com Coelho et al (2015, p.29) às conjunções, os advérbios e os marcadores discursivos. Isso possibilita uma fala coerente e organizada.

Além da variação interna, podemos encontrar a variação externa que juntas formam o sistema linguístico. Que são os estilos de fala, a variável sexo, a faixa etária, o *status* socioeconômico e a origem geográfica. Os estilos de fala são o aspecto que indica que nenhuma pessoa utiliza a língua da mesma forma em todas as situações diárias, podendo escolher uma forma de uso da língua e ocupar vários papéis sociais. “O estilo pode fornecer mensagens indicativas da escolaridade, origem, classe social dos falantes, bem como servir a certos propósitos pragmáticos, como provocar intimidade ou distanciamento entre os interlocutores” (MONTEIRO, 2000 p.68). É notável que através do estilo da fala possamos fazer inúmeras inferências sobre o falante, e a partir daí estabelecermos um contato de aproximação ou distanciamento do mesmo. Outro fator determinante no ato da fala é o contexto ou situação como frisa Monteiro (2000, p.71), podendo ser formal ou informal ou formal e informal. “Os membros de uma comunidade de fala possuem um repertório linguístico que pode variar de onde se encontram com quem se encontram e sobre o que falam” (MONTEIRO, 2000, p.71).

Outro fator é a variável sexo. “É ponto pacífico que as mulheres e os homens não falam da mesma maneira” (MONTEIRO, 2000 p.71). Diferenciam-se por inúmeros fatores, o emprego de diminutivo no caso das mulheres, e as mulheres costumam empregar com mais frequência à norma padrão como indica Monteiro

(2000, p. 75), Segundo o autor, as mulheres sentem uma pressão social em relação à fala, pois elas têm consciência do seu *status* e espera-se da mulher um comportamento social “correto”, com expressões polidas, elegante e nobre. Já o homem costuma empregar uma linguagem menos formal, e a sociedade aceita até uma linguagem rude e obscena.

Mais um aspecto é a variável faixa etária, que Monteiro (2000, p.76), observa ser notável que cada ciclo de faixa etária fale de forma diferente. Por exemplo, uma criança que está aprendendo a falar não consegue articular todos os fonemas, se diferenciando da linguagem de um adolescente que já não é igual à de um idoso.

O *status* socioeconômico é mais um fator. Esse é determinante nos modos de o indivíduo falar. Bagno (2007, p.44) aponta que esse fator determina que as pessoas que tem um nível de renda muito baixo, não falam da mesma forma que aquelas que possuem um nível de renda alto. Em contrapartida Monteiro (2000, p.77) esclarece que uma pesquisa no Brasil é difícil e exige cuidados, pois no caso da escolaridade, as classes menos favorecidas apresenta grau alarmante de analfabetismo. No entanto, isto não quer dizer que toda pessoa com instrução superior pertença a classes mais altas da sociedade.

A origem geográfica, segundo Bagno (2007, p.44), é um fator básico empregado na variação, pois se chegarmos a algum lugar, perceberemos a presença de vocábulos ou tipos de articulações no léxico diferentes dos nossos, e isso é um fator determinante para indicar onde vivemos e trabalhamos e quem somos.

Findadas as observações e informações que consideramos relevantes para esta proposta de pesquisa sobre a variação linguística, identificando nesta, a variação lexical como preocupação primeira deste trabalho, focalizaremos, no próximo tópico, as ciências do léxico.

2 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO

2.1 Lexicologia

As palavras são um instrumento importante para as pessoas, pois é através delas que nos comunicamos e estabelecemos relações sociais. O léxico é o maior patrimônio de uma comunidade. Nas palavras de Biderman (2001),

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Como podemos observar, o léxico de uma língua é maleável, podendo perder ou ganhar palavras, ou ainda assimilar outras de origem estrangeira, que depois de tanto serem usadas permanecem no nosso léxico. Todas essas mudanças partem da sociedade. Interessada nisso, surge algumas ciências dispostas a estudar o léxico e seus aspectos. “Uma ciência que vamos observar é a Lexicologia: Ciência que se ocupa do estudo do vocabulário de uma língua. Ele procura estudar o léxico enquanto sistema, e seus elementos constitutivos nas suas peculiaridades” (BIDERMAN, 1982, p.140).

Através da Lexicologia, construímos documentos históricos, significados e o processo histórico de todo um léxico que sempre estará em constante construção. Para Biderman (2001, p.27), “o léxico é o lugar de estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana”. Este léxico é composto de aspectos, fonológicos, morfológicos, semântico e sintático.

No estudo do léxico, se fez necessário caracterizar alguns aspectos da lexicografia, pois para Biderman (2001, p.20), “termos como palavra e vocábulo da

linguagem comum se prestam a equívocos e imprecisões”. Baseado neste contexto houve a necessidade de criar os termos Lexia e Lexema, como sugere Biderman (2001, p. 22), nos seguintes exemplos: Cantar/menino - Lexema. Cantei, cantavam, cantas, menino, meninos - Lexias (Formas que aparecem no discurso).

É perceptível que o léxico seja construído através de grupos, que são definidos por seus hábitos diários, com quem convivem, onde convivem, seus costumes, crenças. Todos esses fatores influenciam o falante. E isso é refletido na língua cuja lexicologia se apropria destes fatores e explica o modo que as palavras mudam, além de tentar explicar o surgimento e o desaparecimento do léxico.

2.2 Lexicografia

A Lexicografia ocupa-se da produção de dicionários e enciclopédias que registrem palavras que estão ou estavam em uso naquele ou em outro momento da história. Para Biderman (2001, p.132): “[...] É preciso considerar que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a práxis linguística desta sociedade”. Tais suportes onde se registram as palavras podem sofrer modificações de acordo com os usuários da língua.

A Lexicografia divide-se em duas correntes: a Lexicografia Prática é a Lexicografia Teórica, cada uma com suas individualidades:

A primeira se ocupa da descrição do léxico e tem como um dos principais objetivos produzir obras de referência, como dicionários, vocabulários e glossários. Já a Lexicografia Teórica ou Metalexiconografia dedica-se a todas as questões ligadas ao dicionário, como a história, problema de elaboração, análise e uso (RIBEIRO, 2010, p.37).

Compreendemos, com base na citação, que a lexicografia prática apresenta o léxico e se ocupa da produção de todo o acervo escrito em dicionários, vocabulários e glossários, já a Lexicografia Teórica preocupa-se com todo o processo que envolve a produção destas obras.

Krieger e Finatto (2004, p.47), afirmam que o processo lexicográfico é milenar. Segundo os autores:

No conjunto de disciplina que, em razão de seus objetivos e propósitos, são correlatas à terminologia situa-se a Lexicografia, consensualmente definida como arte ou técnica de compor dicionários. A lexicografia ocupa um lugar histórico entre as disciplinas dedicadas ao léxico, pois milenar é sua atividade essencial.

Ou seja, a Lexicografia é essencial para a permanência e o registro da linguagem na sociedade à medida que registra o léxico de uma sociedade e é uma atividade que já se apresentava na antiguidade na Mesopotâmia e mais tarde na Grécia, Índia e China, permanecendo até os dias atuais por ser fundamental no processo do registro do léxico.

2.3 Dicionário, Vocabulário e Glossário

O léxico de uma língua é igual ao mundo, está em constante movimento: palavras vêm e voltam ao gosto dos falantes. Pensando nisso e a fim de tornar o registro do que antes era só memória, os dicionários passam a ser confeccionados e logo ocupam lugar de ferramenta indispensável na sociedade.

O dicionário de uma língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Por outro lado, o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua (BIDERMAN, 2001, p.18).

Logo, observamos que no dicionário está contida boa parte do léxico de uma língua e seus respectivos significados, considerando todo o sistema que envolve aquela língua. São formados a partir da riqueza cultural e da fala de um determinado povo. Nesse sentido, seu uso é indispensável. Logo, há a importância e a responsabilidade de quem transcreve essas obras, pois carrega toda cultura de um povo: “Na verdade os dicionaristas devem ser uma espécie de porta-voz da sociedade, falar, em nome dela e registrar nos dicionários o vocabulário em uso na

sua sociedade e de forma pela qual ela usualmente se exprime” (BIDERMAN,1996 p.31).

Os dicionários apresentam uma macro e uma microestrutura. Segundo Biderman (2001, p.18), na primeira “Um dicionário é constituído de entradas lexicais ou lemas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um referente do universo extralinguístico. A lista total desses lemas constitui a nomenclatura do dicionário, a sua macroestrutura”. Já a microestrutura inclui o verbete que dá “[...] a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual, quer através de abonações por contextos realizados na língua escrita ou oral, quer através de exemplos” (BIDERMAN, 2001, p.18).

Outro sustentáculo do léxico é o vocabulário que é apresentado como:

[...] uma lista de vocábulos (palavras que fazem parte de uma língua), de uma especialidade (vocabulário médico); de expressões específicas (vocabulário infantil) ou de determinadas obras (vocabulário de “Os Lusíadas”), por exemplo, dispostos geralmente em ordem alfabética (PIMENTA, 2013, p.46).

O vocabulário como visto acima cumpre a função de estudar os vocábulos, visando uma área específica, diferentemente do dicionário que inclui a língua na sua totalidade. Sobre o Dicionário, Barbosa (2001) escreve:

O vocabulário é fundamental, por sua vez, procura reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos vocabulários de uma comunidade ou de um segmento social, elementos esses que são selecionados pelo duplo critério de alta frequência e distribuição regular entre os sujeitos falantes-ouvintes envolvidos (BARBOSA, 2001, p.13).

Com isto, concluímos que os autores citados comungam da ideia que o vocabulário é de extrema importância, pois reúne os vocábulos particulares de uma comunidade, podendo ser transmitido a outras culturas, o que os tornam imprescindíveis para a partilha do léxico.

Outro suporte para o registro de lexias são os Glossários. Nesse caso, outra definição lhe é dada, cumprindo outra função. Esse tipo de registro

Atua ao nível da fala ao trabalhar conjuntos manifestados em um texto estabelecido. A unicidade padrão (palavra de uma única aparição e significado específico) serve como objeto componente dessa obra lexicográfica que não amplia as acepções proposta a

unicidade de significado, o glossário remete a essa exclusiva acepção do verbete contextualizado (SALVIANO, 2014, p.28).

Significa dizer que o glossário é restrito a trabalhar sentenças ou palavras que são tratadas em um texto, em uma determinada região e, muitas das vezes, a um determinado público, por isso o significado das palavras não é uniforme, podendo variar a partir do contexto apresentado no texto. Como coloca Biderman (1982), o glossário apresenta “[...] elementos de significação de uma palavra que não é comum a todos os falantes e pode variar segundo os contextos em que a palavra em questão está inserida” (BIDERMANN,1982, p.140).

É este o nosso foco, a partir de uma análise léxico-semântica, construir um vocabulário com as lexias elencadas a partir de contos populares.

É perceptível a importância dos dicionários, vocabulários e glossários na sociedade, haja vista, ser um registro que supera o tempo. Isto porque atribui significados às palavras e às coisas, constituindo um instrumento fundamental ao pesquisador e a todos que se interessam em conhecer a cultura, a origem e a linguagem de um povo.

É pensando nisto que abordaremos um pouco dos aspectos socioculturais na cidade de Barro no estado do Ceará e exploraremos os conceitos de contador e conto no próximo tópico.

3 ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS*

3.1 A Cidade: Barro-CE

A cidade do Barro, onde se deu o levantamento dos contos para desenvolver esta pesquisa, localiza-se no Estado do Ceará e é cortada pela BR116, uma das rodovias mais importantes do Brasil, que contribui para promover a economia e o desenvolvimento turístico. Isto porque Barro recebe visitantes que se hospedam nas pequenas pousadas. As pessoas da zona rural têm fácil acesso à cidade pela BR116, para comprar mantimentos básicos, o que também proporciona uma fonte de renda a cidade.



Figura 1: Imagem da cidade de Barro-CE
Fonte: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

De acordo com o IBGE (2010), a população estimada era de 21.514 habitantes. O município tem a economia concentrada na agricultura com o cultivo de produtos como milho, feijão e verduras; na criação de suínos e bovinos; e na apicultura e nos programas sociais do governo federal. E a maior parte da população tem um poder aquisitivo baixo, pois os animais que criam são direcionados para o consumo familiar.

A cidade apresenta uma cultura forte em relação a festas tradicionais de São João e São Pedro. Acontece sempre apresentação de arraial e as escolas da cidade e da zona rural vão caracterizadas para participar da festa, levando coreografias, danças e roupas típicas da festa.

A cultura está impregnada de religiosidade representada especialmente nas tradicionais festas de São Sebastião em Cuncas, que acontece entre os dias 10 a 20 de janeiro de cada ano e conta com os tradicionais pifeiros (pessoas que tocam

diversos instrumentos a fim de louvar o santo). Todas as pessoas acompanham em uma espécie de ritual. Há barracas com comidas típicas da região, e a tradicional cavalgada de São Sebastião que acontece no decorrer da festa, reunindo vaqueiros que saem em passeata com cavalos, carros e motos. Esta festa reúne boa parte da população da cidade.



Figura 2: Imagem da cavalgada de São Sebastião
Fonte: Acervo particular

Outra festa da mesma categoria é a de Santo Antônio, padroeiro da sede, que acontece entre os dias 03 a 13 de junho de cada ano. Na cidade predomina a religião católica, embora haja outras igrejas Assembleia de Deus, Canãa, plenitude da graça e crenças bastante apreciadas como as rezadeiras.



Figura 3: Igreja Matriz de Santo Antônio
Fonte: Acervo particular



Figura 4: Peça artesanal da casa da cultura
Fonte: Acervo particular

Um elemento relevante que se destaca no município do Barro é a casa da cultura onde encontramos elementos importantes da história do município, pinturas e objetos que retratam a historicidade. É um elo com o passado.

Outro aspecto é a tradicional feira livre do município, que acontece às segundas-feiras e atrai o pessoal da zona rural, o que esquentava o comércio. Neste evento estão expostos os produtos típicos do lugar, a exemplo de batatinha, cenoura, beterraba, repolho, mandioca, jerimum, couve-flor; diversas frutas como banana, laranja, manga, abacaxi, maracujá, graviola, melancia; e diversos tipos de legumes feijão, milho, fava e tantas outras. São produtos do lugar e que vêm de fora da cidade.

Para promover seu trabalho, algumas vezes nos deparamos, na praça local da cidade, com alguns violeiros cantando repentes ou emboladas, convidando o povo que vai à feira para participar dos versos. As pessoas da cidade são simples e receptivas. Um dos entretenimentos dos moradores dos municípios de Barro-CE, mesmo aqueles da cidade, ainda é sentarem-se nas calçadas no início da noite para ouvirem e contarem histórias. Mesmo com o advento da tecnologia, ainda sobra um tempinho, em algumas famílias, especialmente as do campo, para conversar à luz da lua ou das estrelas.

Barro é um lugar pacato que ainda mantém a tradição de velhos costumes.

3.2 O contador: dos livros à cidade de Barro-CE

O contador é aquele que doa sua voz, habilita seu corpo aos gestos e vive a dinâmica do contar. Transpassa o real e leva a plateia a viajar na imaginação, ao mesmo tempo em que, ao acordar, reflete a realidade. De acordo com Patrini (2005, p.108):

As histórias têm na boca de um contador, uma força que atrai a atenção do receptor. A emoção sedutora da voz acentua, modula, marca e emite às vezes vozes estranhas até de animais. O contador de histórias tradicional tem o sentimento de imprimir profundamente sua narrativa na memória de seus ouvintes. No ato de contar, ele utiliza habilmente o seu corpo, seus gestos, sua voz ou seu silêncio para embelezar e desenrolar sua história.

Significa dizer que o contador tem uma voz que se levanta a fim de entreter a plateia e levar a um mundo de sonhos que comungam com a realidade. Até porque este contador sente a necessidade da “[...] presença de um olhar, de um ouvinte atento e de uma memória que aguarda ser preenchida por novas palavras, ritos e gestos (PATRINI, 2005, p.108).

O contador não tem compromisso com a realidade com problemas sociais de qualquer natureza, ele simplesmente conta e procura encantar. E cada indivíduo que o ouvir pode interpretá-lo como lhe convier. Patrini, (2005, p.122), escreve que “O conto oral ou escrito não é um documento, é uma invenção, uma criação. O conto sempre oferece diferentes níveis de leitura e compreensão”.

Alguns contadores se formam como tais a partir do contexto em que vivem, através de tradições que são cultivadas, especialmente, na zona rural, o que não quer dizer que não os contadores da cidade ficam de fora. Aproveitavam-se momentos de trabalho para os eventos de contação

[...] As debulhas de feijão - como propiciatórias dessa prática, para a qual o contador se lançava com o risco e a responsabilidade, assumindo as falhas de sua memória pessoal e deixando prevalecer o gosto mais geral e livre da fabulação (LIMA, 1984, p.25).

Era nessa labuta diária, trabalhando, que o homem simples contava histórias para entreter o tempo. E o contador ia agregando experiências para a criação de mais histórias. Muitas culturas de danças e/ou brincadeiras serviram para formar o contador.

No Brasil, a atividade de contador não é vista como uma profissão “[...] o contador não lança o chapéu às moedas, como faz o embolador, o tirador de versos da feira, o cantador de viola e, de resto, os brincantes nordestinos” (LIMA, 1984, p.47).

Ser contador é uma arte que requer maestria, e valorização da cultura, por isso não podemos perder esse artista que nasce no meio do povo, contando para o povo o que viu ou vivenciou com recheios de muita imaginação e criatividade. Contar faz parte da vida de cada pessoa, certeza essa que nos faz também acreditar na perpetuação do conto em toda e qualquer comunidade.

O contador não pode ser substituído pela escrita, uma vez que “independentemente de todos os recursos da escrita, somente a voz pode transmitir,

dar vida nova ao conto, gerando ao mesmo tempo novas versões” (PATRINI, 2005, p.116). Ao passo que na escrita não temos os gestos, sensações, expressão corporal, elementos que figuram e caracterizam o contador.

Na cidade do Barro-CE e em especial na zona rural, ainda encontramos muitos contadores, mas alguns deles não têm consciência do valor de suas histórias. Talvez porque contam a qualquer hora, basta ter um ouvinte que queira escutar, até mesmo quando estão trabalhando. Aliás, este é sempre um momento marcante para contarem histórias as mais criativas.

Para o levantamento dos contos para esta pesquisa, o primeiro contador que nos prendeu a atenção foi o Sr. Francisco Fransuelo de Figueiredo, de 50 anos, natural da cidade de Barro-CE, mas residente no sítio Fazenda Nova, município do Barro-CE, onde mora há aproximadamente 20 anos. O Sr. Pata, como é popularmente conhecido, é agricultor e o passatempo predileto é ficar na calçada contando histórias à noite com a família. As pessoas enxergam-no como um bom amigo, pessoa de bom coração, e sempre pedem para ele contar uma história.

Precisávamos de mais contadores fora ele, e, por isso, conversamos com o Sr. Antônio Inocência Figueiredo, 59 anos, também natural da cidade do Barro-CE, mas também residente na zona rural, onde sempre morou. O Sr. Antônio é agricultor, e o passatempo predileto é ficar conversando com os vizinhos na calçada. Tem bom relacionamento com a comunidade local. Apesar de gostar de contar histórias e atender ao pedido das pessoas, não se enxerga como contador.

Mais um contador que nos prestigiou com suas histórias foi o jovem Lucas Almada de Figueiredo, 21 anos, natural de Brejo Santo, mas residente na zona rural do município de Barro no Estado do Ceará há algum tempo. Lucas é agricultor e sonha entrar em uma universidade, por isso estuda em casa com afinco nas horas vagas. Assim como nosso segundo contador, Lucas também não se reconhece como um contador e fala que ainda está aprendendo a arte do contar. Vejam as fotos dos contadores dos contos selecionados como *corpus* para esta pesquisa.

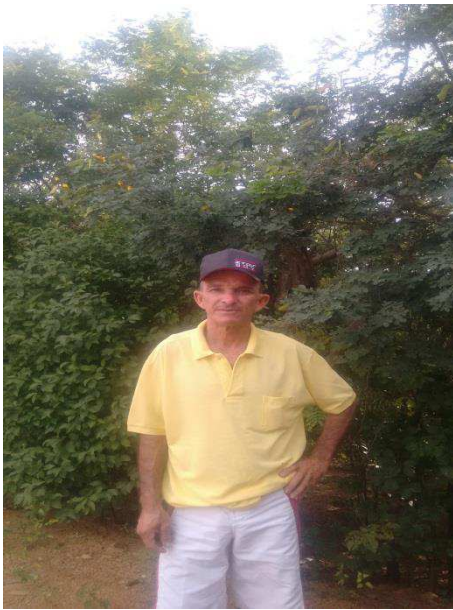


Figura 5: Francisco Fransuelo de Figueiredo.
Fonte: Acervo particular



Figura 6: Lucas Almada de Figueiredo.
Fonte: Acervo particular



Figura 7: Antônio Inocêncio Figueiredo
Fonte: Acervo particular

3.3 O conto: do conceito às narrativas coletadas

A cultura de um povo é apreendida por meio da escuta, fala e da relação entre as pessoas, e se constitui com os costumes, valores e regras. A partir disso, nascem os contos populares que no nosso país recebem inúmeras denominações “História da carochinha, Historia de Trancoso, História das mil e uma noites, entre outros” (LIMA ARRAIS, 2011, p.82).

Os contos são geralmente curtos, apresentam linguagem simples e o enredo é composto por seres animados ou inanimados, que falam e se deslocam facilmente de uma cena a outra. Trata-se de gêneros orais, uma vez que são transmitidos pela oralidade:

Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando aos desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005 p.118).

A depender da cultura onde o contador está inserido, ele contará utilizando as coisas que são importantes e conhecidas por aquele povo. “Os contos são narrados com muita precisão, porém continuam livres, permitindo ao ouvinte interpretá-los como ele quiser, enriquecê-lo e orná-lo se isto lhe convier” (PATRINI, 2006 p.120).

De acordo com Lima Arrais, (2011, p.93), “Estes contos surgiram da necessidade de se transmitirem valores e/ou ensinamentos às gerações mais novas, valores estes que estão inseridos na sociedade até hoje”. Permeados de seres da vida material ou da vida imaginária, aventuras, sempre há a prevalência do bem contra o mal. Em cada cena há um sujeito que se destaca entre uma situação conflituosa em que ele acaba vencendo.

Pelo contar, “O conto possui um caráter universal e dá às pessoas uma possibilidade de renovação e renascimento” (PATRINI, 2005, p.172). Qualquer pessoa que ouça o conto interpretará de maneira diferente, pois essas narrativas têm o poder de fazer com que o indivíduo enxergue outras possibilidades.

Essas histórias são construídas para exprimirem os desejos, os sofrimentos e as alegrias de uma comunidade. Elas extraem sua significação do mundo ideológico do grupo e fazem ao mesmo tempo

refêrencia a algo que está além dos limites deste mundo (PATRINI, 2005, p.134).

É a partir da subjetividade de cada contador que o conto ganha dimensões, pois fala para as pessoas em uma linguagem própria e exaltam os anseios do povo. E para que os contos sejam transmitidos, é fundamental ter uma plateia atenta e ansiosa a espera do contador, “Não falará o conto se houver um meio que o solicite” (LIMA, 1984, p.47).

Esses contos que perpassam gerações através da oralidade trazem um encantamento e uma sabedoria dos mais velhos para os mais novos, e costumes que serão sempre levados adiante através da linguagem. Podemos, portanto, compreender como esses contos são importantes, uma vez que neles a cultura de um povo, um legado para as futuras gerações.

E assim comprovamos o dito até aqui sobre o conto. Como já referido, na cidade do Barro – CE ainda acontece à prática de “à boca da noite” algumas famílias se reunirem para conversar e descansar da labuta diária. Durante essas reuniões, sempre aparece quem conte uma história de Trancoso.

E foi aproveitando momentos como esse, de conversas espontâneas e informais, que levantamos os contos para esta pesquisa. Tudo começou em nossa própria casa, quando nosso pai, o Sr. Francisco Fransuelo de Figueiredo, começava a contação. Foi no dia 10 de fevereiro de 2016, sentados na calçada da casa do Sr. Fransuelo que gravamos as primeiras cinco histórias: *A festa no céu*, *O urubu e o Gavião*, *O corajoso*, *O homem e o amigo tatu*, *O medroso*. Quando informamos que gostaríamos de gravar as histórias, o contador sentiu um pouco de receio no início, pois alegou que não sabia falar “bonito”. Ele também nos afirmou que não valoriza essa arte e nem se reconhece como contador, alegando que só conta para distrair o tempo.

No segundo encontro, no dia 18 de março, em frente a sua casa, embaixo de uma árvore frondosa e bonita chamada de acácia, o Sr. Antônio Inocêncio Figueiredo nos conta mais duas histórias: *A raposa e o canção* e *As coisas falantes*.

No terceiro e último encontro, no dia 19 de março à noite, na calçada da nossa casa, o jovem Lucas Almada de Figueiredo nos prestigia com mais duas histórias: *O macaco danado* e *O leão e a formiga*.

Dessas conversas, ouvimos um total de nove contos. Do universo de 09 (nove) contos, selecionamos 04 (quatro) para constar como *corpus* da pesquisa: *A festa no céu*, *O leão e a formiga*, *A raposa e o canção* e *O corajoso*.

O conto *A festa no céu* centra-se na história de um cágado que queria ir para uma festa no céu, mas não tinha como, pois não tinha asas para voar. Então usando de esperteza, entrou escondido na viola de Camarada urubu que, quando descobriu já nas alturas o peso que carregava na viola, logo tratou de soltar o Cágado que despencou nos ares e, mais uma vez, usando de esperteza não caiu no chão porque gritou para as mulheres que lavavam roupa para pegá-lo, pois era um anjo. As mulheres acreditando na história se apressaram em amortecer a queda do cágado, que não caiu no chão, mas também não foi à festa.

O segundo conto, *O Leão e a formiga*, conta uma história de um leão que se achava o maior e melhor de todos os animais. Com muita empáfia, quando sentia fome, escolhia o que comer na floresta, pois dominava todos os bichos. Até que certa vez, conversando com uma formiga, todo orgulhoso e prepotente, apostou com a formiga que ganharia dela. Mas, quando tentou comer a formiga, ela logo armou o ferrão e enfiou na boca do leão que sentiu fortes dores e acabou por soltar a formiga. Esta logo se apressou em chamar o formigueiro para atacar o leão que nunca mais apareceu.

No terceiro conto, *A raposa e o canção*, a história centra-se na figura de uma raposa que pegou o canção para comê-lo. Quando foi atacado, o canção caiu no rio e ficou molhado. A ave muito esperta falou disse à raposa que o colocasse para secar, pois se o comesse molhado daria prisão de ventre. A raposa inocente o expõe ao sol e os outros animais ficam fazendo algazarra da esperteza do canção. Enquanto a raposa faz confusão com os outros bichos, o canção usando de esperteza, foge.

O quarto conto, *O corajoso*, conta a história de um homem que era muito preguiçoso e não queria trabalhar. Certo dia foi embora e, no caminho, avistou uma fazenda onde foi pedir água para matar a sede. Chegando lá, a senhora da casa estava em prantos, pois a única filha do casal estava na serra, esperando ser comida por uma grande onça que assustava a região. O rapaz logo se apressou e foi salvar a moça. Usando de esperteza, pediu para que juntasse várias pessoas para ser prova que ele iria trazer a onça para o pátio da fazenda. A onça chegando,

se reuniu todos os que lá estavam e mataram-na. O rapaz casou com a moça e ficou rico.

O critério de seleção do *corpus*, ou seja, desses 04 (quatro) contos, deu-se por maior variedade de expressões que as demais, possibilitando um maior número de lexias para a construção do glossário.

Para efeito de referenciação durante a análise, os contos, *corpus* de análise, serão codificados com os grafemas que indicam as primeiras letras de cada palavra que contém o título, conforme item c. do tópico 3.4 *Crítérios de organização do glossário*, expresso no tópico a seguir.

3.4 Crítérios De Organização Do Glossário

Para organização do glossário¹, foram selecionados os dicionários Aurélio Buarque de Holanda, Michaelis e o Dicionário Popular de Cândido Figueiredo. Os dois primeiros foram selecionados, considerando que são obras atualizadas, são *online*, o que nos dá maior praticidade e contém um número rico de palavras; o terceiro, de Cândido Figueiredo, é um dicionário popular. Mesmo com toda essa bibliografia, encontramos lexias que, em algum momento, não constam em nenhum dos dicionários.

O glossário possui 59 itens lexicais e oferece o termo entrada em negrito, em seguida a classe gramatical deste termo, em itálico, o significado, seguido de uma frase no contexto que a palavra está colocada e a indicação dos dicionários.

De modo geral, o glossário está organizado da seguinte forma:

a. Termo entrada:

É o termo inicial, da sentença que começa com letra maiúscula e em negrito, seguido da classe gramatical.

b. Classe gramatical:

¹ Para construir este glossário, nos inspiramos na dissertação: ALMEIDA, A. S. de. *Variações Linguísticas nos contos populares paraibanos*. João Pessoa: UFPB, 2009.

O glossário está explanado no seguinte quadro de classes gramaticais, de acordo com o contexto em que as palavras ou expressões estão inseridas nos contos e em itálico:

Adj. - Adjetivo

Art. - Artigo

Adv.- Advérbio

Art.- Artigo

Contr.- Contração

Exp. Expressão

F.p.- Forma popular

Loc.Adv. - Locução Adverbial

Loc.Verbal - Locução Verbal

Num. - Numeral

Prep. - Preposição

S. - Substantivo

S.f. - Substantivo feminino

S.m. - Substantivo masculino

T.o. - Termo onomatopaico

V. – Verbo

c. Em seguida vem o significado do termo entrada que está em negrito e em itálico, aplicado em uma oração que está contida no conto de onde foi retirada.

d. O significado está exposto de acordo com o contexto que é apresentado no conto, em linguagem simples, definições curtas e seguido de uma oração e a indicação grafemática do respectivo conto, conforme o quadro abaixo:

A festa no céu	FC
O leão e a formiga	LF
A raposa e o canção	RC
O corajoso	C

e. Logo após, vem descrito se o termo está ou não expresso no dicionário se está no mesmo contexto do conto e do dicionário, ou se estão em contextos diferentes, ou com contexto similar ou ainda se o termo não está no dicionário.

Recebendo as seguintes indicações grafemáticas:

Termo localizado no dicionário com o mesmo contexto	TLDMC
---	-------

Termo localizado no dicionário com contexto diferente	TLDCD
Termo localizado no dicionário com o contexto similar	TLDCS
Termo não localizado no dicionário	TNLD

f. Grafemas indicadores dos dicionários usados:

ABH - Aurélio Buarque de Holanda

M - Michaelis

CF - Cândido Figueiredo

4 GLOSSÁRIO

A

Arribou - V. - Andou.

“Certo dia ele colocou uma maca nas costas e **arribou** no meio do mundo”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Amontado – *Adj.* – Colocado sobre um (animal qualquer)

“Mas meu amigo, você com esse corpo dizendo que vai trazer uma onça preta pra cá **amontado** nela”? (C)

TNLD (ABH, CF)

TLDCD (M)

O termo está registrado no dicionário M com o significado de:

1. Diz-se do animal doméstico que fugiu para o mato e se tornou bravo.

B

Batendo roupa – F.p.- Esta expressão equivale a lavar roupa.

“Por sorte dele, era em cima do açude, mais pegava assim bem pra uma beira onde umas mulheres estavam **batendo roupa**”. (FC)

TNLD (ABH, M, CF)

Beira - S.f. - Margem de um açude.

“Por sorte dele era em cima de um açude, mas pegava assim bem pra uma **beira**, onde umas mulheres estavam batendo roupa”. (FC)

TLDMC (ABH, M, C.F)

O termo está registrado nos dicionários, ABH, M e CF com o significado de:

1. Borda, margem, orla, riba.
2. Proximidade, vizinhança.
3. Aba de telhado

Bote – S.m.- Ataque.

“O canção um dia tava cochilando numa gaia de pau, a raposa deu um **bote** nele voou nele caiu dentro de um riacho moiô o canção”. (RC)

TLDMC (ABH, M)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M com o significado de:

1. Ataque;
2. Salto do animal sobre a presa.

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, M, CF:

1. Golpe com arma branca
2. Pequeno barco a remos ou a vela

Botou nela – Exp. (V.+ Contr. em+ela)- Atacar, perseguir.

“Aqui, cinco, seis pião da fazenda já **botou nela** de facão e não deu jeito”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Bora - *F.p.* - Forma popular da palavra “vamos embora”.

“**Bora** lá? **Bora!** Ai partiu” (FC)

TNLD (M, CF)

TLDCD (ABH)

O termo está registrado nos dicionários ABH com o significado de:

1. Vento muito seco e frio que sopra no Adriático e no mar negro;
2. Exprime a noção de retirada ou saída.

C

Camarada - *S.m.* - Tratamento dado a um amigo ou a pessoa que quer para amigo.

“Aí **camarada** cágado disse”. (FC)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Companheiro de quarto;
2. Colega, condiscípulo;

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, M, CF:

3. Pessoa amancebada
4. Tratamento entre os soldados

Cancela – *S.f.*- Porta de madeira ou ferro.

“O senhor está vendo aquele pátio ali cercado, todo com arame juntim farpado junto daquela **cancela**”? (C)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Porta gradeada de ferro ou madeira;

Cercado – *S.m.*- Local rodeado por estacarias, arames ou varas.

“Vou botar dentro do **cercado** hoje. Que hora a onça desce”? (C)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

- 1- Terreno rodeado por cerca ou sebes;
- 2- Área de terreno de poucos alqueires, maior que o sítio e menor que a fazenda geralmente destinada à criação de animais e aves.

Casco - *S.m.* - Envoltório que serve de proteção para certos animais.

“Vou me espedaçar no chão. Porque dessa altura quando eu bater no chão até o **casco** racha”. (FC)

TLDMC (ABH, M)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M com o significado de:

1. Aquilo que envolve ou protege
2. Invólucro do crânio

TLCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções no dicionário ABH, M, CF:

1. Cabeça, inteligência, juízo;
2. Navio aparelhado;
3. Armação;
4. Edifício em construção;
5. Qualquer vasilha grande com aduela.
6. Entremez, comédia ligeira.

Chocho - *Adj.* - Mirrado.

“O homem era magro, **chocho**, a mulher falou”.

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Fraco, que não convence;
2. Sem miolo;
3. Oco;
4. Sem energia ou ânimo.

TLDCD (ABH, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, CF:

1. Beijoca

Conta - *S.f.* - Não é do seu interesse.

“É da tua **conta**”. (RC)

TNLD (M)

TLDCD (ABH, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M com o significado de:

1. Ato ou efeito de contar
2. Execução e resultado de qualquer operação matemática
3. Cálculo
4. Estado de créditos e débitos ou de receita e despesa
5. Objeto ou somo de uma dívida

Cortar o coração – *Exp. (V.+Art.+S.m.)* - Entristecer, sentir dó.

“Olhe meu fio, o que mais me **corta o coração** e que já comeu a piãozada da [...]”

(C)

TNLD (ABH, M, CF)

D

De quatro pés - *Exp. (Prep.+Num.+S.m.)* - Caindo.

“Tinha horas que era a onça perto dele é ele peitando nos paus, tinha horas que era **de quatro pé**, do tamanho de um bombom[...]”. (C)

TNLD(ABH, M, CF)

Deu descendo - *Loc. Verbal* - Correr, descer.

“Quando a onça avistou o homem ela fez finca-pé em busca dele com as garras abertas quase em pé, aí o homem só foi e **deu descendo**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Deu jeito - *Exp. (V.+S.m.)* - Efetivar uma ação.

“- Aqui, cinco, seis pião da fazenda já botou nela de facão e não **deu jeito**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Do tamanho de um bombom - *Exp. (Contr. De+o + S.m.+Prep.+Art.+S.m.)* – encolhido de medo.

“[...] tinha horas que era de quatro pé, **do tamanho de um bombom**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Doida - *Adj.* - Desejosa, interessada.

“A raposa era **doida** pá pegar um canção”. (RC)

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários com o significado de:

1. Moléstia, que dá nos miolos do gado lanígero;
2. Mulher atacada de doidice
3. Mentecapta

E

Em busca dele - *Exp. (prep.+Sf.+Contr. em+ele)* - Ir em direção a algo ou a alguém
 “Quando a onça avistou o homem ela fez finca-pé **em busca dele** com as garras abertas quase em pé, ai o homem só foi e deu descendo”. (C)
 TNLD (ABH, M, CF)

Emborcou - *V.*- A palavra equivale a colocar a boca para baixo, despejar.
 “Ai, o camarada urubu **emborcou** a viola”. (FC)
 TNLD (ABH, M)
 TLDMC (CF)

O termo está registrado no dicionário CF com o significado de:

1. Por de boca para baixo;
2. Despejar;
3. Despejar na boca, bebendo.

Espedaçar - *V.*- Quebrar, rachar.
 “Vou me **espedaçar** no chão”. (FC)
 TNLD (ABH, M)

TLDMC (CF)

O termo está registrado no dicionário CF com o significado de:

1. O mesmo que despedaçar

Espia - *V.*- Olhar

“[...]nós pensando que era um anjo **espia**, não é um danado de um cágado”. (F.C)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Pessoa que, às escondidas, espreita as ações de outrem; espião;
2. Sentinela;
3. Pescador que espreita o cardume para cercá-lo com as redes.

TLDCD (M)

O termo apresenta outras acepções no dicionário M:

- 1 – Cabo com que se amarram navios ou com que se puxa uma coisa para a embarcação;
- 2- Cabo do cabrestante com que se lançam as naus ao mar;
- 3- Cada um dos cabos ou escoras compridas, fixos diagonalmente com a extremidade ao alto de um mastro ou estrutura vertical e com outra ao solo.

Estacas - *S.f.* - Objetos pontiagudos de madeira

“[...] aí todos se reuniram com umas **estacas** na mão e mataram a onça [...]” (C)

TLDMC (ABH, M,CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Pau que se crava na terra ou em qualquer lugar;
2. Pau espetado na parede para servir de cabide.

Esturro - *S.m.* - Urro de certos animais.

“Meu fio só o **esturro** dela a gente se arrepia todim”. (C)

TNLD (ABH)

TLDMC (M)

O termo está registrado nos dicionários M com o significado de:

1. Rugido de certos animais
2. Urro da onça

TLDCD (M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários M, CF:

1. Estado de coisa esturrada;
2. Torrefação;

3. Esturrinho.

F

Felizes para sempre - *Exp.(Adj.+Prep.+Adv.)* – Em paz por muito tempo.

“[...] mataram a onça e o rapaz casou com a moça e foram **felizes para sempre** e herdaram todo o dinheiro do velho”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Fera - *S.f.*- Corajoso.

“Era uma vez um pai de família que tinha três filhos, dois eram umas **feras** para trabalhar [...]” (C)

TLDMC (ABH, M)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

- 1- Pessoa corajosa, valente.

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, M, CF:

- 1- Qualquer animal feroz e carnívoro;
- 2- Pessoa bárbara, cruel.

Ferroada - *S.f.*- Espécie de defesa de animais como a formiga, abelha.

“A formiga só foi deu-lhe uma **ferroada** na boca do leão e ele pá solta à formiga”.

(LF)

TNLD (M)

TLDMC (ABH, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH e M com o significado de:

1. Picada com ferrão;
2. sensura picante.

Finca-pé - S.- Correr.

“Quando a onça avistou o homem ela fez **finca-pé em busca dele** com as garras abertas quase em pé, ai o homem só foi e deu descendo”. (C)

TNLD (ABH,M, CF)



Intopir - V.- Ficar privado, sem defecar.

“Mas não coma canção moiado não, que faz mal **intopir**”. (RC)

TNLD (ABH, M, CF)



Lasco - V.- Se dar mal, quebrar.

“Não jogue não, que eu me **lasco**”. (FC)

TNLD (ABH, M,CF)

M

Maca - *S.f.*- Bolsa que serve para transportar coisas diversas.

“Certo dia ele colocou uma **maca** nas costas [...]” (C)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Saco de couro em que se leva roupa e que se amarra à garupa em viagem;

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, M, CF:

1. Cama portátil para conduzir feridos, doentes ou cadáveres;
2. Padiola para transportes de objetos.

Macho - *S.m.*- Tratamento informal para cumprimentar uma pessoa.

“Rapaz, tu não tem condição de ir não, **macho**”. (FC)

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Qualquer animal do sexo masculino;
2. Animal proveniente do cruzamento de um equídeo com um asinino;
3. Ferramenta de aço, com que se abrem roscas dentro de um orifício;
4. Forte, robusto, varonil;
5. Peça de aço com que se abrem roscas.

Malcriação - *S.f.*- Forma popular da palavra rude.

“Se não fosse tua **malcriação** eu tinha sido comido”. (RC)

TNLD (ABH, M, CF)

Meta - *V.* - Querer, ousar.

“Não, pois não se **meta** não, que ninguém vai levar você e trazer não, a viagem e longa”. (FC)

TNLD (ABH, M, CF)

Meio do mundo - *Loc.Adv.* - A expressão indica um lugar distante.

“Vocês vão ver, e eu ainda vou embora pra o **meio do mundo**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Moço - *S.m.* - Tratamento para um desconhecido que não se sabe o nome próprio

“Bom dia, **moço**!” (C)

TNLD (ABH)

TLDCD (M, CF)

O termo está registrado nos dicionários M, CF com o significado de:

1. Jovem, que já não é criança e ainda não é adulto;
2. Inexperiente, imprudente;
3. Rapaz, mancebo.

N

Não dô pra trabalhar - *Exp. (V.+Loc.Verbal)* - Expressão popular que significa não dou para trabalhar.

“Pai eu **não dô pra trabaia**r em roça não, e vocês vão ver uma coisa, eu ainda vou melhorar de situação”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

P

Paiol - *S.m.*- Munição

“Andou, andou, andou a fome foi apertando o **paio**l se acabando e ele avistou uma fazenda e chegou e bateu palma”. (C)

TLDCS (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Depósito de pólvora e outros explosivos;
2. Armazém em que se depositam produtos da lavoura.

Passo em cartório – *Exp. (V.+Prep.+S.m.)* - Registrar.

“[...] eu prometo o senhor, como eu **passo em cartório** toda a minha fazenda[...]”.

(C)

TNLD (ABH, M, CF)

Passou pra dentro – *Exp. (V.+Prep.+Adv.)* – Entrar.

“Abra a cancela, abra a cancela, ai um monte de homens que estavam esperando a onça abriram a cancela, do jeito que ele vinha **passou pra dentro**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Pé da serra - *Loc.Adv.*- Local próximo à serra.

“[...] Comeu a piãozada da fazenda todinha, tá minha filha lá no **pé da serra** pra ela comer também [...]” (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Pé de juá - Loc.Adv.- Juazeiro.

“Ai tinha um **pé de juá**, com o tronco grosso, e o homem logo se escondeu atrás [...]”.

TNLD (ABH, M, CF)

Pega mas não pega – Loc. Verbal – Próximo a acontecer.

“[...] lá vinha ele com o cabelo para traz, a onça **pega mais não pega**”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Pegou - V.- Decidiu.

“Quando o leão soltou a formiga ela só fez chamar o formigueiro e o formigueiro **pegou** se juntou e subiram no leão”. (LF)

TNLD (ABH, M, CF)

Peitando nos paus - Exp. (V.+Loc.Adv.) – Batendo com os peitos nos galhos das árvores para abrir caminho.

“Tinha horas que era a onça perto dele é ele **peitando nos paus** [...]” (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Pru, pru - T.o.- Onomatopeia que indica o som das patas do animal andando.

“A viola no chão ele só foi **pru, pru** devagarzinho entrou e socou-se lá dentro e ficou quieto”. (FC)

TNLD (ABH, M, CF)

Psi-psi - *T.o.*- Onomatopeia que indica o som das asas de um animal voando.

“Bora lá, bora! Aí partiu todo mundo **psi, psi** em busca do céu”. (FC)

TNLD (ABH, M, CF)

Punho - *S.m.*- Parte da rede que se prende ao armador.

“Pegaram a rede esticaram-na agarrando um num **punho** e o outro noutro”. (FC)

TLDMC (M)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Pequena corda ou cabo em forma de elo que segura às redes nos ganchos ou armadores

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários (ABH, M, CF)

1. Mão fechada;
2. Extremidade inferior do antebraço, em que este se articula com a mão;
3. Extremidade inferior de camisas, blusas ou vestidos que contornam o pulso e que geralmente se fecha com botões;
4. Parte de arma branca que serve para enpunhá-la;
5. Empunhadura;
6. Parte por onde se empunham alguns instrumentos ou ferramentas;
7. Parte da vela onde prende um cabo;
8. Empunho: Agarrado pelo punho, geralmente em posição erguida e pronto para ser usado;
9. Punho de renda: Extremo cuidado a fazer ou dizer algo.

R

Rapaz - *S.m.*- Forma de tratamento popular atribuída às pessoas.

“**Rapaz**, tu não tem condição de ir não, macho”. (FC)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Homem que está no período intermédio da infância e da adolescência, ou já na adolescência;
2. Moço;
3. Garoto;
4. Negro de pouca idade.

Rede - *S.f.*- Peça de pano com punho onde as pessoas dormem.

“Muié, pelo amor de Deus, um anjo, pega a **rede**”. (FC)

TNLD (M)

TLDMC (ABH, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, CF com o significado de:

1. Malha feita de fios entrelaçados com espaços regulares.

TLDCD (ABH, CF)

O termo apresenta outras acepções nos dicionários ABH, CF:

1. Tecido de malha para apanhar peixes, aves, feras;
2. Ligeiro tecido de malha com que algumas mulheres seguram o cabelo;
3. Tecido de arame

Roça- *S.f.*- Local de trabalho das pessoas envolvidas na agricultura.

“Ai os outros só ia pra **roça** com raiva porque ele não ia”. (C)

TLDCD (ABH, M)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Vara ou cana, bojuda numa das extremidades, onde se enrola a estriga ou outra substância têxtil que se quer fiar;
2. Rocha, penedo;
3. Pássaro fabuloso;
4. Penhasco do mar;

TLDMC (CF)

O termo apresenta outra acepção no dicionário CF:

1. O mesmo que roçadura;
2. Lugar onde roçam mato;
3. Terreno, coberto de mato;
4. Mato, muito crescido;
5. Sementeira entre o mato ou e terreno, a que se roçou o mato;
6. Terreno de madeira.

Rolinha - *S.f.*- Ave pequena

“O urubu, gavião e a **rolinha** todo bicho se reuniu pá levantar voo em busca dessa festa”. (FC)

TNLD (M, CF)

TLDMC (ABH)

O termo está registrado nos dicionários nos dicionários M, CF com o significado de:

1. Rola pequena;
2. O mesmo que rola do mar.

TLDCD (ABH)

O termo apresenta outra acepção no dicionário ABH:

1. Tipo de dança ou brincadeira infantil de roda

S

Sanfoneiro - *S.m.*- Quem toca sanfona

“(…) da terra tinha que parti quem fosse violeiro, quem fosse **sanfoneiro** tudo pá animar essa festa”. (FC)

TNLD (M, CF)

TLDMC (ABH)

O termo está registrado no dicionário ABH com o significado de:

1. Tocador de sanfona

Socar - V.- Entrar

“Rapaz, eu vou é me **socar** dentro dessa viola de camarada urubu”. (FC)

TLDCD (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Dar sova ou tunda em;
2. Contundir;
3. Pisar;
4. Espalmar a massa do que se faz o pão com os punhos cerrados;
5. Apertar ou calcar (a pólvora no canhão);
6. Apertar muito (a volta ou nó de um cabo de navio).

T

Tem jeito - Exp. (V.+S.m.) - A expressão popular significa que tudo tem uma solução.

“Rapaz, no mundo **tem jeito** pra tudo”. (C)

TNLD (ABH, M, CF)

Tummmm - *T.o.*- Onomatopeia que simboliza o som do vento.

“Ai lá vinha o cágado com as pernas e as mãos abertas no ar **tummmmm**”. (FC)

TNLD (ABH, M, CF)

V

Violeiro - *S.m.* - Quem toca viola.

“[...] da terra tinha que partir quem fosse **violeiro**”. (FC)

TLDMC (ABH, M, CF)

O termo está registrado nos dicionários ABH, M, CF com o significado de:

1. Fabricante ou vendedor de violas;
2. Tocador de violas;
3. Ornite, o mesmo que cuitelão.

TLDCD (ABH)

O termo apresenta outra acepção no dicionário ABH:

1. Pássaro de bico fino e cauda alongada.

Vrup - *T.o.* - Onomatopeia que significa velocidade.

“Enquanto foi dizendo isso, o canção **vrup** voou”. (RC)

TNLD (ABH, M CF)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto popular é reflexo da cultura de um povo, pois mostra valores da identidade de cada contador que ao transmitir suas histórias fala de sua vida e da vida da comunidade onde está inserido. Aproveitando-se disso, estudamos através do conto o léxico dos contadores da cidade de Barro-CE, com sua semântica. Constatamos, por meio da produção de um glossário, a heterogeneidade da língua.

O glossário construído foi organizado por ordem alfabética, predominando quase todo o alfabeto. As letras G, H, J, O, Q, U, X, Z não foram apresentadas em virtude de não possuir variações que a contemplassem. Conseguimos elencar 59 lexias, distribuídas da seguinte forma: 1 substantivo, 11 substantivos femininos, 12 substantivos masculinos, 09 verbos, 03 adjetivos, 12 expressões (as quais estão contidas as classes gramaticais de cada termo apresentado), 02 locuções verbais, 03 locuções adverbiais e 04 termos onomatopaicos e 02 formas populares.

A semântica que está por trás das lexias denota características dos enunciadores enquanto moradores da cidade de Barro-CE e de seus municípios, bem como do Nordeste do Brasil, pois podemos observar valores que remetem às vivências de um povo do campo ou cidade pequena: como no caso das lexias *roça* e *ferroada*, a que associamos à agricultura como profissão comum aos moradores o vestígio de seres comuns no campo.

Outras lexias que denotam características da vida dos moradores do local são *cancela*, *cercado*, *estaca*, *pé da serra*, *casco*, *amontado*, *juá*, *rolinha*, indicando a vida no campo, a natureza, delimitação de propriedade e até mesmo outra forma de subsistência que é a pecuária, com a criação de animais, muito comum entre os moradores.

As lexias *esturro*, *bote*, *maca* e *paiol* nos dão ideia de caça. Na região já houve muita onça brava e o homem precisava mostrar sua audácia para lutar pela sobrevivência, apesar de hoje extintas, vive na memória dos contadores lembranças de um tempo passado. Esta é uma das características do conto, conservar na memória um passado.

Os termos onomatopaicos *Pru*, *Pru psi*, *Psi Psi*, *Tumm*, *Vrup* é uma característica da linguagem popular, dando vida às histórias como estratégia de aproximação da realidade.

Ainda podemos observar outros termos que figuram na experiência dos contadores e das pessoas com quem convivem, como é o caso de *beira* e *batendo roupa*, que indicam costumes das mulheres que lavam roupa nas margens do açude. Elas literalmente batem a roupa para retirar com mais facilidade as sujeiras.

Outras lexias que indicam a forma de tratamento popular entre as pessoas do local são representadas, por exemplo, pelas palavras: *camarada*, *macho*, *moço*, *rapaz*. Tais palavras denotam um costume local, assim como *fera* para se referir aquele que tem coragem e é trabalhador. Já as lexias: *conta*, *doida*, *malcriação* e *meta*, remetem a uma forma de tratamento em que percebemos rebeldia.

Mais uma característica da linguagem dos contadores é o uso dos verbos indicando ações vivenciadas por eles e pelas criaturas das histórias, espelhando mais um falar da comunidade no seu cotidiano: *emborcou*, *espedaçar*, *espia*, *entupir*, *lasco*, *pegou* e *socar*. Estas palavras valorizam o léxico popular que vive na língua dos nossos contadores e dos que os cercam.

Outras lexias utilizadas no meio popular da cidade do Barro-CE são as expressões como: *cortar o coração*, *de quatro pés*, *deu descendo*, *do tamanho de um bombom*, *deu jeito*, *botou nela*, *em busca dele*, *felizes para sempre*, *não dô pra trabalhar*, *passo em cartório*, *passou pra dentro*, *peitando nos paus* e *tem jeito*. Essas expressões não estão dicionarizadas e procuram falar de determinada realidade por meio do que for mais próximo ao entendimento do falando, construindo, em muitos casos, verdadeiras metáforas. Neste mesmo direcionamento, encontramos *arribou*, *finca-pé*, *meio do mundo* e *pega mais não pega*, assumindo o regionalismo de um povo que mantém uma cultura arraigada na criatividade linguística.

Encontramos ainda as lexias *punho* e *rede* que remetem ao uso de peças de pano/tecido para as noites de sono ou mesmo descansarem nos alpendres das casas para se refrescarem durante as folgas da labuta diária. E muitas vezes nesses descansos diários aproveitam para, uma vez ou outra, transmitirem experiências de fatos vividos e ouvidos que resultam em conto.

Remetendo a lazer e à arte do povo, elencamos *sanfoneiro* e *violeiro*. É costume na região, desde a antiguidade até hoje, as emboladas, cantadores de violas e arrasta-pé, com o uso da sanfona, da viola, do pandeiro e do triângulo. Basta uma roda de amigos e uma boa cachaça que a festa começa.

Muito comum também são as abreviações, corruptelas de algumas palavras ou expressões. E aqui registramos *bora*, indicando pressa na fala. Para o falante, a

praticidade não corrompe o sentido, o que o faz substituir o *vamos embora* pelo econômico *bora*.

E, finalizando o olhar sobre a semântica lexical do glossário elaborado nesta pesquisa, destacamos a palavra *chocho* que remete àquele que é mirrado e raquítico. É pejorativamente atribuída às pessoas do Nordeste, talvez remetendo à ideia de seca que sempre castiga a região, ocasionando fome para muitos, especialmente a quem vive da agricultura, deixando-os de aparência sofrida.

Diante do exposto, afirmamos com convicção que os objetivos foram atingidos. A análise léxico-semântica foi realizada seguindo as etapas que estão para os objetivos específicos: levantamento de 09 contos na cidade de Barro no Estado do Ceará; seleção de 05 contos que constituíram o *corpus*; e elaboração do glossário.

Acreditamos, pois que uma análise dessa natureza pode e deve ser considerada como proposta de trabalho na educação básica, uma vez que possibilita o aluno ampliar seu léxico, à medida que utiliza vários dicionários. Ao lado disso, a proposta de um trabalho com vocabulário a partir das lexias usadas pela comunidade oferece mais motivação como também segue um processo suave de aquisição do léxico formal, uma vez que parte do conhecido para o desconhecido.

Além disso, esse direcionamento sociolinguístico e etnográfico, para um estudo da lexicologia e da lexicografia local diminui a violência simbólica que muito acontece quando a escola tenta impor a norma e desconsidera a bagagem de conhecimento do léxico que os alunos já trazem. Desde a educação infantil, com um glossário de imagens, desenhos, por exemplo, até o ensino médio, com uma elaboração mais complexa, esta proposta é eficaz, desde que venha agregada à experiência e à criatividade do docente que em seu planejamento a adapta ao nível dos alunos.

Esperamos, com este trabalho, subsidiar o trabalho docente e incentivar a produção de outros glossários, na intenção de que o estudo do léxico esteja presente na sala de aula, de forma a respeitar as diversas culturas, diminuindo os preconceitos e valorizando as construções literárias populares.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C.(orgs.). **Introdução a Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortex, 2006, p. 21-44.
- ALMEIDA, A. S. de. **Variações Linguísticas nos contos populares paraibanos**. João Pessoa-PB, 2009.253.f. Dissertação (Mestrado em letras)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: parábola editorial, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BIDERMAN, M.T.C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P., ISQUIERDO, A.N(org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001.
- BIDERMAN, M.T.C. Glossário. **Alfa revista de Linguística**. São Paulo, 28(supl.)1982. Disponível em: <<http://eer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>>. 04 Maio 2016.
- BIDERMAN, M.T.C. **O Dicionário e o Vocabulário da Língua Portuguesa**. N.10, p.31-39, jul. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/viewFile/37164/39885>>. Acesso em: 09 jul. 2016.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Dicionário, vocabulário, glossário: concepções**. In: ALVES, I.M. (Org.) **A constituição da normalização terminological no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- CAMACHO, R.G. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Fernanda M.; Ana C.B.(org). São Paulo: Cortex, 2006.
- COELHO, I. L.. [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.172 p. Disponível em:<http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>.Acesso em:14 nov. 2015.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- FIGUEIREDO, C. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.dicionario-aberto.net/dict.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2016.
- GODOY, A.S. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, 1995. Disponível

em:<<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num3-1995/pesquisa-qualitativa-tipos-fundamentais>>. Acesso em: 04 maio 2016.

HOLANDA, A.B. **Dicionário**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230200>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M.J.B. **Introdução à terminologia**: teoria & prática. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M.G da. Cadernos do CNLF, Vol. XVIII, Nº02- Lexicografia, Lexicologia Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/resumos/maria_teresa_biderman_MARIA.pdf>. Acesso em: 04 maio 2016.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scheherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MICHAELIS. W.W. Disponível em: <<http://michaelis.com.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LIMA ARRAIS, M. N. de. **O fazer semiótico do conto popular Nordestino**: intersubjetividade e inconsciente coletivo. João Pessoa-PB, 2011.415f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

LIMA, F.A.S, de. **Conto popular e comunidade narrativa**. São Paulo/Recife: Terceira margem: Editora Massangana,1984.

MONTEIRO, J.M. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PATRINI, M. L. **A renovação do conto**: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, A.P.C. **A representação do léxico rural em Ermos e Gerais de Bernard Élis**. Catalão-GO, 2013. 206f. Tese (Mestrado em estudos da linguagem-Letras) Universidade Federal de Goiás.

RIBEIRO, G. A. **O vocabulário rural de passos/MG**: Um estudo linguístico nos sertões do Jucunhy. Belo Horizonte- MG ,2010. 256 f. Dissertação (Mestrado em estudos Linguísticos)- Universidade Federal de Minas Gerais.

SALVIANO, B. N. **O uso do dicionário de língua como instrumento didático no ensino de língua portuguesa para alunos surdos**: em busca de um bilinguismo funcional. Belo Horizonte-BH, 2014. 223f. Tese (mestrado em Letras) Universidade Federal de Minas Gerais.

ANEXOS

ANEXO A - A festa no céu

la ter uma festa no céu, aí da terra tinha que partir quem fosse violeiro, quem fosse sanfoneiro tudo pá animar essa festa. Aí, só ia quem tivesse asa, porque quem não tivesse como era que ia e voltava pá festa? Urubu, gavião, a rolinha, todo bicho se reuniu pá levantar voo em busca dessa festa.

Aí o cágado chegou e disse:

- Rapaz, eu vou também.

Aí o camarada urubu falou:

- Rapaz, tu não tem condição de ir não, macho. Lá só vai quem tiver asa pá ir e voltar.

- Não, eu vou dá um jeito de ir.

- Não, pois não se meta não, que ninguém vai levar você e trazer não, a viagem é longa.

Aí, camarada urubu com a viola no chão, porque ele era violeiro. Aí, o cágado olhou assim e pensou:

- Rapaz, eu vou é me socar dentro dessa viola de camarada urubu. E sabe que eu vou chegar lá? A viola no chão, ele só foi, pru, pru, devagarzinho entrou no buraco da viola, socou-se lá dentro e ficou quieto (fez o gesto com as mãos).

Bora lá, bora, aí partiu todo mundo, psi psi, em busca do céu. Aí eu sei que quando chegou a certas alturas, camarada urubu viu a viola pesando, aí disse:

- Mais rapaz, essa viola tá pesando.

Aí o cágado olhou e falou:

- Rapaz, é eu que vou também.

- Não, pois eu não vou levar você não, quem é que vai lhe trazer? Eu vou é lhe jogar pra baixo.

- Não jogue não, que eu me lasco.

- Pra tudo Deus mostra um meio, eu vou jogar!

Aí foi, e o camarada urubu emborcou a viola, aí o camarada cágado despencou de lá. Aí lá vinha o cágado com as pernas e as mãos abertas no ar: tummmmm! Descendo de lá pra cá. Por sorte dele, era em cima do açude, mais pegava assim bem pra uma beira onde umas mulheres estavam batendo roupa.

Aí camarada cágado disse:

- Vou me espedaçar no chão. Porque dessa altura quando eu bater no chão, até o casco racha.

Aí ele olhou assim para baixo e falou:

- Ei! Me segure que eu sou um anjo que vou caindo do céu.

Aí as muié disseram:

- Muié, pelo amor de Deus, um anjo, pega a rede.

Aí começou:

- O anjo e meu!

- Não, mais quem viu primeiro foi eu.

- Não, mais quem ouviu o grito foi eu.

Aí pegaram a rede, esticaram pegando uma num punho e a outra noutro. Camarada cágado *pum* dentro da rede.

- Muié, olha o que é: um cágado.

- Mais muié, isso é uma infelicidade, nós pensando que era um anjo espia, não é um danado de um cágado.

Aí o cágado olhou assim e falou:

- É. Bem que camarada urubu disse: *Pra tudo Deus mostra um meio.*

Francisco Fransuelo de Figueiredo. 50 anos. Barro-CE. 2016.

ANEXO B - O leão e a formiga

Era uma vez um leão forte, bonito e rápido. Tava com fome aí saiu pá caçar. Quando chegou mais na frente assim, achou uma zebra, matou e comeu, achou um elefante e matou e comeu. Aí depois ele achou um viado, matou e comeu.

Aí chegou perto de um formigueiro tinha uma formiga descansando, ele falou:

- Formiga eu sou o animal mais forte e mais rápido da floresta.

A formiga ficou olhando e disse:

- Você não é mais forte que eu não, vamo apostar?

O leão disse:

- Bora!

E já foi mordendo a formiga. A formiga só foi deu-lhe uma ferroadada na boca do leão e ele pá solta à formiga. Quando o leão soltou a formiga ela só fez chamar o formigueiro e o formigueiro pegou se juntou e subiram no leão. Aí começaram a ferroar, pegou ferroou o leão todim, ele ficou todo inchado aí só fez correr.

Esse leão nunca mais quis saber de formiga!

Lucas Almada de Figueiredo. 21 anos. Barro-CE. 2016.

ANEXO C - A raposa e o canção

A raposa era doída pá pegar um canção. Quando foi um dia disse:

- Camarada canção, eu vou te pegar!

O canção disse:

- Que pegar que nada.

O canção um dia tava cochilando numa gaia de pau, a raposa deu um bote nele, voou nele, caiu dento de um riacho, moiô o canção.

A raposa disse:

- Aí, camarada canção, eu não disse que eu lhe pegava.

- Mas não coma canção moiado não que faz mal, intopi. Bote eu pá inxugar que é miô.

Chegou numa peda, ele pegou o canção, botou em cima da peda, quando enxugou um lado ,ele disse:

- Vira pro outro.

A raposa virou o canção pro outro, aí saiu. Quando chegou lá na frente, tinha outra raposa. Ai ela disse:

- Pegou esse, hem, camarada raposa!

Ai o canção disse:

- Diz a ele, “É dá tua conta?”.

Ele saiu e quando foi mais na frente: um gato. Aí disse:

- Pegou esse, hem, camarada raposa!

A raposa foi dizendo:

- É da tua conta?

Enquanto foi dizendo isso, o Cancão vrup voou! E disse:

- Se não fosse tua malcriação eu tinha sido comido.

Antônio Inocência Figueiredo. 59 anos. Barro-Ce. 2016.

ANEXO D - O corajoso

Era uma vez um pai de família que tinha três filhos. Dois eram umas feras para trabalhar, e o outro só vivia dentro de uma rede. Ai os outros só iam pra roça com raiva porque ele não ia. E ele dizia ao pai:

- Pai, eu não vou pra trabalhar em roça não, e vocês vão ver uma coisa, eu ainda vou melhorar de situação.

Os irmãos diziam:

- Home, tó só dentro de uma rede?

- Rapaz, no mundo tem jeito pra tudo. Vocês vão ver, e eu ainda vou embora pra o meio do mundo.

- Tu vai morrer de fome. Quem é que vai te dar o que comer? Tu só dentro de uma rede.

Certo dia, ele colocou uma maca nas costas e arribou no meio do mundo. Andou, andou, andou a fome foi apertando, o paiol se acabando e ele avistou uma fazenda. Chegou e bateu palma. Uma senhora saiu na porta e olhou.

- Bom dia!

A senhora respondeu:

- Bom dia, moço!

A senhora tem um pouquinho de água?

A mulher enxugando os olhos. E ele disse:

- Parece que tá chorando?

- Meu fio não é pra tá não?

- E o que é que tá acontecendo?

- Meu fio, a fazenda aqui é muita mata, e a onça começou a comer o gado do meu marido e foi comendo o gato todim. E quando ela esturra em cima da serra, meu marido já tem que levar um garrote pá ela comer, pá não correr o risco da onça descer pra cá, porque senão ela invade tudo. É arriscado até levar a gente. Já levou não sei quantos pião aqui da fazenda. É um perigo. É a onça preta. É muito grande e veloz.

- Pois, o problema acabou. Minha vida foi essa de pegar onça. Que tamanho é essa onça?

- Meu fio, só o esturro dela a gente se arrepiava todim!

- Ah! Pois, pra mim quanto maior o esturro, melhor eu acho de montar nela.

- Olhe meu fio, o que mais me corta o coração e que já comeu a piãozada da fazenda todinha. Tá minha filha lá no pé da serra pra ela comer também, porquê agora só tem eu e meu marido. E essa onça vai comer nos dois. E o senhor vá embora porque senão até o senhor vai ser comido pela onça:

- Onde é que ela tá?

- No pé daquela serra.

O homem jogou a maca nas costas e falou:

- Vou já trazer aquela onça. Vou trazer ela pra cá pro paito da fazenda.

O homem era magro, chocho. A mulher falou:

- Mas meu amigo, você com esse corpo, dizendo que vai trazer uma onça preta pra cá amontado nela? Aqui, cinco, seis pião da fazenda já botou nela de facão e não deu jeito.

- Vamos fazer uma aposta aqui como eu trago essa onça pro paito dessa fazenda?

- O senhor está vendo aquele pátio ali cercado, todo com arame juntim farpado junto daquela cancela? Ali, quando a onça desce tem que fechar a cancela pra vê se ela não entra.

O moço magro e chocho falou:

- Vou botar dentro do cercado hoje. Que hora a onça desce?

A mulher respondeu:

- A menina tá lá no pé da serra, seis horas ela desce pra vim buscar a presa.

- Pois, eu vou dizer a fia da senhora pra vim pra casa, e quem vai ficar lá é eu esperando essa onça fumando sentado numa pedra. E a senhora junte os homi da redondeza tudim pra vê como é que traz uma onça pra cá. Eu quero que tudim seja prova que eu trouxe a onça.

O pai da moça falou:

- Se o senhor mandar minha fia pra traz e trazer essa onça pra cá, eu prometo o senhor, como eu passo em cartório toda a minha fazenda, enquanto eu (for vivo não), mais o senhor casa com minha fia e a fazenda é sua e dela.

- Tá feito!

Ai o homem fez um cigarro, tirou pra lá. Chegando, lá falou à moça:

- Vá pra casa!

A moça responde:

- Não, meu senhor, saia daqui senão morre eu e você!

- Vá pra casa, porque quem vai ficar esperando essa onça hoje é eu.

Quando foi seis horas da noite a onça esturrou aquele esturro que balançou tudo. Ele pensou: *Ixe Maria, a onça é grande!*

Quando a onça avistou o homem, ela fez finca-pé em busca dele com as garras abertas quase em pé, ai o homem só foi e deu descendo. Tinha horas que era a onça perto dele e ele peitando nos paus, tinha horas que era de quatro pé, do tamanho de um bombom, lá vinha ele com o cabelo para traz, a onça pega mais não pega.

E gritou:

- Abra a cancela, abra a cancela!

Ai um monte de homens que estavam esperando a onça, abriram a cancela, do jeito que ele vinha passou pra dentro. Ai tinha um pé de juá, com o tronco grosso, e o homem logo se escondeu atrás e falou:

- Segurem essa onça aí, que eu vou buscar outra que ficou lá. Eu vem já.

A onça dentro do paito começou a espatifar pião, ai todos se reuniram com umas estacas na mão e mataram a onça. E o rapaz casou com a moça e foram felizes para sempre e herdaram todo o dinheiro do velho.

Francisco Fransuelo de Figueiredo.50 anos. Barro-Ce. 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa VARIACÃO LINGUÍSTICA E CONTO POPULAR: UMA ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA EM NARRATIVAS COLETADOS NA CIDADE DE BARRO – CE, coordenada por Thamires Almada de Figueiredo, aluna da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esta pesquisa tem por objetivo propor uma análise de contos populares numa perspectiva sociolinguística a partir de contos coletados em Barro, no município do Ceará.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimento(s): contar histórias (que serão gravada) que conhece e ser fotografado/a. Os riscos envolvidos com sua participação são: **desconforto pelo tempo exigido**. Para que não haja desconforto, você pode propor o melhor dia e horário para as conversas com o pesquisador, sem que lhe cause prejuízos.

Os benefícios da pesquisa serão: socialização de seus conhecimentos, melhoria da autoestima, registro de histórias caracterizadas como contos populares e contribuição para a educação básica de seu município, uma vez que suas histórias poderão ser trabalhadas nas escolas.

As informações obtidas poderão ser publicadas. Isto porque a contação de histórias populares é uma prática artística que beneficia o ouvinte, além de não constituir uma propriedade do contador que apenas está repassando o que lhe passaram algum dia. Para usarmos sua identificação, caso aceite, deve assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Você não terá gasto decorrente de sua participação na pesquisa. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você será indenizado.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada à Thamires Almada de Figueiredo, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

<p>Dados para contato com o responsável pela pesquisa</p> <p>Nome: Thamires Almada de Figueiredo</p> <p>Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP</p> <p>Endereço: Fazenda Nova-Barro Ce</p> <p>Telefone: (88) 996945510</p> <p>E-mail: thamirys64@gmail.com</p>
--

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

Barro - Ceará, ____ de _____ 2016.

Assinatura ou impressão datiloscópica
do voluntário ou responsável legal

Thamires Almada de Figueiredo

